



# Análise de Conjuntura

Boletim periódico da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados

Os textos são da exclusiva responsabilidade de seus autores. O boletim destina-se a promover discussões sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

## A indústria brasileira foi contaminada pela crise

*Na atual crise, as dificuldades para a indústria brasileira começaram no setor externo. A fuga de investidores internacionais para cobrir posições em outros países resultou em queda das ações e em depreciação do real frente ao dólar. Algumas empresas locais que haviam arriscado no mercado cambial amargaram perdas importantes.*

*A suspensão de contratos por compradores internacionais também prejudicou receitas e deu início ao processo de demissões no Brasil. A escassez de crédito internacional reduziu a oferta de crédito local. E esses efeitos iniciais sobre o País afetaram negativamente a percepção de consumidores e investidores, acelerando a redução de consumo e de oferta de bens.*

*A contaminação pelas importações ainda não ocorreu, mas a disponibilidade de infraestrutura ociosa e de estoques ainda elevados em outros países sugerem que esse processo será disparado nos próximos meses, o que poderá gerar pressões por medidas protecionistas.*

## Ajuste a partir de novembro de 2008

Comparação do índice de crescimento industrial calculado pelo IBGE com o mesmo mês de 2007 demonstra queda relativa da produção a partir de novembro, com uma redução de 6,4%, efeito que se acentuou em dezembro, com queda de 14,8%.

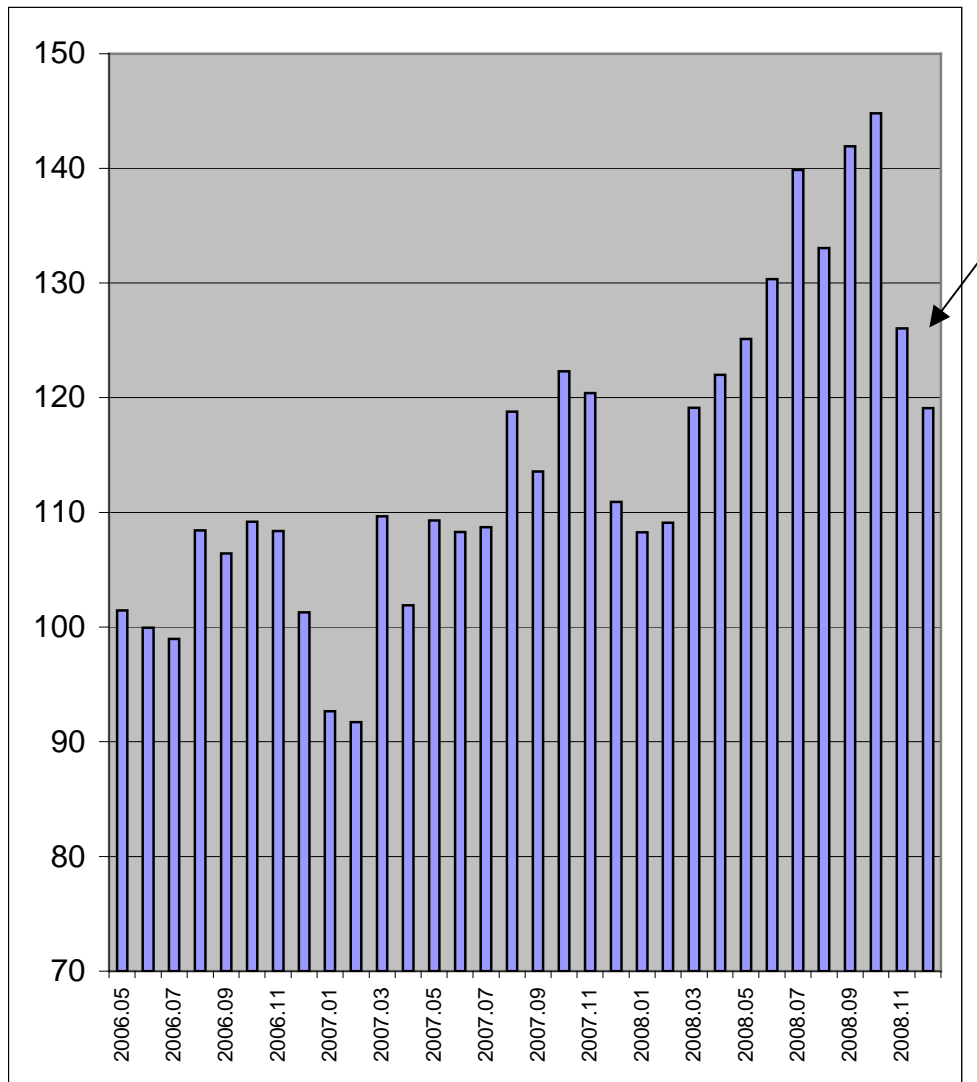
### **Expediente**

Boletim de Análise de Conjuntura (BAC). Ano 1, nº 1. Quinta-feira, 5 de março de 2009.

Colaboraram neste número: Marcelo Barroso Lacombe (coordenador) e Bernardo Estellita Lins.

*O Boletim de Análise de Conjuntura é uma publicação da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Destina-se a promover o debate sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.*

Em relação aos meses anteriores, as quedas reais da produção em novembro e dezembro foram de 12% e 5% respectivamente.



Produção industrial (média de 2006 = 100) (Fonte: CNI/Ipeadata)

A redução no emprego industrial acompanhou a tendência de queda da produção. Segundo dados da pesquisa industrial mensal do IBGE (PIMES), em dezembro o emprego industrial recuou 1,8% e a folha de pagamento real recuou 0,7%. Em novembro, o emprego já havia recuado 0,6% e a folha de pagamento real 2,7% em relação ao mês anterior, depois de ficar estável nos três meses anteriores. O número de horas pagas caiu 1,7% nos dois meses, em relação ao mês antecedente. Os setores que lideraram essa retração foram os de vestuário, de calçados e couro, e de madeira.

## Será o início de uma recessão?

O recuo observado no último trimestre acompanha a tendência usual de fim de ano, embora com uma taxa dessazonalizada bem mais elevada do que em anos anteriores. É importante ressaltar que, em bases trimestrais, a indústria vem mantendo o crescimento há dez trimestres. Portanto, não está claro, ainda, se os resultados do quarto trimestre de 2008 apontam para o início de um ciclo de recuo prolongado da produção ou se representam, simplesmente, um movimento mais acentuado de queda sazonal, em virtude da crise internacional, mas que irá retornar ao comportamento tradicional do setor, recuperando produção e emprego nos próximos meses.

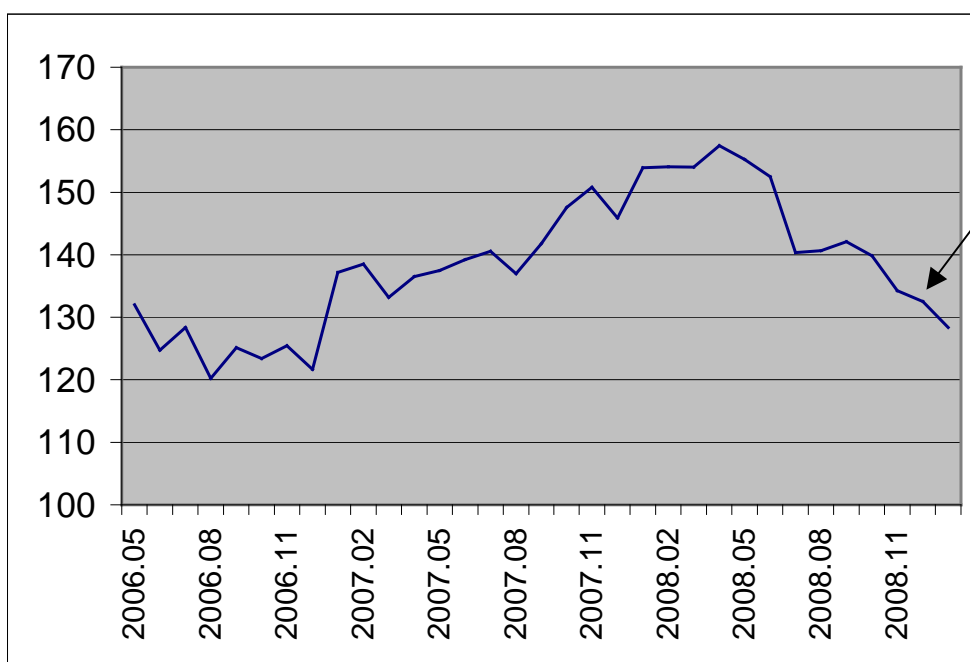
Um dado preocupante é a queda no emprego total com carteira assinada, que chegou a 654 mil postos de trabalho em dezembro e 101 mil em janeiro de 2009, cerca de metade dos quais na indústria, segundo dados do CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, do Ministério do Trabalho. Embora as demissões em dezembro sigam um comportamento já tradicional em anos anteriores, janeiro vinha apresentando um saldo positivo de contratações, ao contrário do que ocorreu neste ano.

## Consumidor está mais cauteloso

O comportamento do consumidor nesse período tornou-se mais cauteloso, segundo indicadores de expectativa. O IEC, índice conjuntural colhido pelo comércio varejista de São Paulo, mostra o declínio dos níveis de confiança a partir de julho de 2008.

Parte dessa queda nas expectativas resulta da percepção geral da situação econômica e social. Outra parte decorre das dificuldades enfrentadas pelas pessoas no dia a dia. Um indicador ilustrativo é dado pelo número de cheques devolvidos, que subiu de cerca de 18 por mil em setembro para 21 por mil nos dois meses seguintes, segundo dados da Serasa. .

O comportamento do consumo reflete essa combinação da cautela dos consumidores com a retração da produção, conforme retrata o comportamento do índice de variação mensal dessazonalizada do IBGE. Nos últimos três meses de 2008 o consumo quebrou uma trajetória crescente, caindo em volume 1% em outubro e novembro (em relação aos meses antecedentes) e 0,3% em dezembro. A queda de consumo do último trimestre foi, portanto, de cerca de 2,3%. Essa quebra da trajetória reduziu os ganhos do comércio interno, que fecharam 2008 na casa dos 5%. Se não houvesse crise, ter-se-ia chegado a um crescimento anual de cerca de 9%.



Índice de expectativa do consumidor da região metropolitana de São Paulo (IEC) (Fonte: Feicomercio/Ipeadata)

## O que esperar para os próximos meses

No curto prazo, deverão ocorrer novas demissões e anúncios de redução de investimentos nos setores exportadores. Por outro lado, setores voltados ao mercado interno poderão ser beneficiados com as medidas do governo, retomando o ciclo de expansão da produção. Essa tendência deverá ocorrer nos setores automotivo, de material de construção e de alimentos, mas perderá força ao longo do ano se a crise internacional persistir.

É provável que a produção fique voltada a modelos populares e produtos de segunda linha, aproveitando uma tendência à substituição de produtos que tende a ocorrer nas crises. E caso ocorra um acirramento da crise, os gastos do governo com programas de investimento em infraestrutura (PAC), de apoio social e de formação de estoques reguladores de produtos a granel poderão tornar-se carros chefe para alguns setores (construção, alimentos), aumentando a sua dependência em relação a gastos públicos.

O comportamento do consumo deverá ser afetado nos próximos meses pela persistência do desemprego. A dependência dos programas de renda mínima e de seguro desemprego deverá crescer. E as pressões sobre o governo para a concessão de benefícios à indústria deverão aumentar. Setores que apresentaram taxas elevadas de crescimento em 2008 (informática, celulares) serão mais afetados pela mudança de perfil do consumo e deverão enfrentar dificuldades.